

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

C-EMOS 2024

**GUERRA HÍBRIDA NO SÉCULO 21: ESTRATÉGIAS E
IMPLICAÇÕES:**

**Uma Análise das Experiências da Rússia e do Irã e as implicações
para a Defesa Nacional**

Rio de Janeiro

2024

C-EMOS 2024

**GUERRA HÍBRIDA NO SÉCULO 21: ESTRATÉGIAS E
IMPLICAÇÕES:
Uma Análise das Experiências da Rússia e do Irã e as implicações
para a Defesa Nacional**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: C-EMOS 2024

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida, saúde e força que me permitiram chegar até aqui. Sua presença constante foi meu alicerce durante toda esta jornada acadêmica.

Expresso minha profunda gratidão ao meu orientador, por sua orientação inestimável, paciência e apoio contínuo durante todo o processo de pesquisa e elaboração desta dissertação. Sua expertise e conselhos foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Meu sincero agradecimento aos colegas e amigos que fizeram parte desta jornada, pelas discussões inspiradoras, apoio mútuo e momentos de descontração que tornaram este percurso mais leve.

Sou imensamente grato à minha família, especialmente a minha mãe Kátia, a minha filha Yasmin e a minha esposa Priscila, uma mulher especial e guerreira, por seu amor incondicional, compreensão e apoio emocional ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Vocês são minha maior fonte de inspiração e força.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho e para meu crescimento pessoal e profissional, meu muito obrigado. Esta dissertação é o resultado do esforço coletivo e do apoio de todos vocês.

RESUMO

Este trabalho analisa o conceito de guerra híbrida e suas implicações para a segurança nacional, com foco nas estratégias empregadas pela Rússia e pelo Irã. A pesquisa examina as origens históricas, doutrinas militares e aplicações práticas da guerra híbrida por esses países, bem como suas implicações para a defesa nacional, especialmente no contexto brasileiro. O estudo revela que a guerra híbrida representa uma evolução nas táticas de conflito contemporâneo, combinando métodos convencionais e não convencionais para alcançar objetivos estratégicos. Caracteriza-se pela integração de operações militares, cibernéticas, econômicas e informacionais. A análise das estratégias russas e iranianas demonstra padrões distintos, mas com objetivos similares, destacando-se o uso de operações de informação, ciberataques, proxies, campanhas de desinformação, guerra psicológica e pressão econômica. As implicações para a segurança nacional são profundas, exigindo uma abordagem multidimensional que inclua o fortalecimento da cibersegurança, educação pública sobre desinformação, desenvolvimento de resiliência econômica e melhoria da coordenação entre forças de segurança. Conclui-se que a compreensão e adaptação às realidades da guerra híbrida são essenciais para garantir a segurança nacional em um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

Palavras-chave: Guerra híbrida. Segurança nacional. Rússia. Irã. Estratégia militar. Cibersegurança. Desinformação. Proxies. Operações de informação. Resiliência econômica. Guerra psicológica. Pressão econômica. Operações cibernéticas. Subversão política.

ABSTRACT

Hybrid Warfare in the 21st Century: Strategies and Implications: An Analysis of Russia and Iran's Experiences and the Implications for National Defense.

This work analyzes the concept of hybrid warfare and its implications for national security, focusing on the strategies employed by Russia and Iran. The research examines the historical origins, military doctrines and practical applications of hybrid warfare by these countries, as well as its implications for national defense, especially in the Brazilian context. The study reveals that hybrid warfare represents an evolution in contemporary conflict tactics, combining conventional and unconventional methods to achieve strategic objectives. It is characterized by the integration of military, cyber, economic and informational operations. The analysis of Russian and Iranian strategies demonstrates distinct patterns, but with similar objectives, highlighting the use of information operations, cyberattacks, proxies, disinformation campaigns, psychological warfare and economic pressure. The implications for national security are profound, requiring a multidimensional approach that includes strengthening cybersecurity, public education about disinformation, development of economic resilience and improved coordination between security forces. It is concluded that understanding and adapting to the realities of hybrid warfare are essential to guarantee national security in an increasingly complex and interconnected world.

Keywords: Hybrid warfare. National security. Russia. Iran. Military strategy. Cybersecurity. Disinformation. Proxies . Information operations. Economic resilience. Psychological warfare. Economic pressure. Cyber operations. Political subversion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITOS	10
2.1	DEFINIÇÃO DE GUERRA HÍBRIDA.....	10
2.2	ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO	11
2.3	CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA GUERRA HÍBRIDA	12
2.4	COMPONENTES DA GUERRA HÍBRIDA	14
2.5	EVOLUÇÃO DO CONCEITO.....	15
2.5.1	Primeira Geração de Guerra (Séculos XVII-XIX).....	16
2.5.2	Segunda Geração de Guerra (Primeira Guerra Mundial)	16
2.5.3	Terceira Geração de Guerra (Segunda Guerra Mundial).....	17
2.5.4	Quarta Geração de Guerra.....	17
2.5.5	Transição para a Guerra Híbrida	18
2.6	OBJETIVOS ESTRATÉGICOS DA GUERRA HÍBRIDA	19
2.7	CONCLUSÕES PARCIAIS	20
3	GUERRA HÍBRIDA DO PONTO DE VISTA DA RÚSSIA	22
3.1	ORIGENS HISTÓRICAS	22
3.2	DOCTRINA MILITAR.....	24
3.3	ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DA GUERRA HÍBRIDA RUSSA.....	25
3.3.1	Fase de Preparação.....	25
3.3.2	Fase de Desestabilização	26
3.3.3	Fase de Coação.....	26
3.4	A GUERRA HÍBRIDA COMO PARTE DA POLÍTICA EXTERNA RUSSA	27
3.5	CONCLUSÕES PARCIAIS	28
4	GUERRA HÍBRIDA DO PONTO DE VISTA DO IRÃ.....	30
4.1	ORIGENS HISTÓRICAS E DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA DA GUERRA HÍBRIDA NO IRÃ.....	30
4.2	INFLUÊNCIAS E APLICAÇÕES PRÁTICAS DA GUERRA HÍBRIDA UTILIZADA PELO IRÃ.....	32
4.3	GUERRA HÍBRIDA COMO COMPONENTE DA POLÍTICA EXTERNA E INTERNA DO IRÃ.....	32

4.4	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	35
5	A GUERRA HÍBRIDA NO CONTEXTO BRASILEIRO: VULNERABILIDADES E ESTRATÉGIAS DE DEFESA	37
5.1	VULNERABILIDADES DO BRASIL NO CONTEXTO DA GUERRA HÍBRIDA ..	37
5.2	DESINFORMAÇÃO E MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÃO	38
5.3	PRESSÕES ECONÔMICAS.....	40
5.4	ATORES NÃO ESTATAIS	40
5.4.1	Crime organizado transnacional.....	40
5.4.2	Milícias urbanas	40
5.4.3	Grupos extremistas	41
5.4.4	Hacktivismo.....	41
5.5	ESTRATÉGIAS DE DEFESA CONTRA A GUERRA HÍBRIDA.....	41
5.5.1	Fortalecimento da Cibersegurança.....	42
5.5.2	Educação e Conscientização	42
5.5.3	Resiliência Econômica	42
5.5.4	Integração de Forças de Segurança	42
5.6	ANÁLISE COMPARATIVA INTERNACIONAL.....	43
5.7	DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O BRASIL	43
5.8	DEFINIÇÃO DE GUERRA HÍBRIDA PARA AS FORÇAS ARMADAS	43
5.9	CONCLUSÕES PARCIAIS	44
6	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Há mais de dois mil anos, o estrategista militar Sun Tzu já enfatizava que, embora abordagens diretas¹ possam ser usadas para se engajar em batalha, as abordagens indiretas² são cruciais para alcançar o sucesso final, permitindo que um oponente derrote o adversário sem enfrentá-lo diretamente, minimizando assim os recursos que seriam despendidos em um confronto direto. Atacar um inimigo indiretamente também pode atrasá-lo e colocá-lo na defensiva, deixando-o assim vulnerável a outras formas de ataque.

Desde o fim da Guerra Fria, o panorama dos conflitos internacionais sofreu transformações profundas. Conflitos que anteriormente eram travados principalmente por forças militares convencionais em campos de batalha bem definidos passaram a assumir formas mais complexas e diversificadas. Entre essas novas formas de conflito, destaca-se a guerra híbrida, uma estratégia que combina métodos convencionais e não convencionais para alcançar objetivos políticos, econômicos e militares de maneira eficiente e dissimulada.

Tendo uma abordagem multifacetada, a guerra híbrida integra várias formas de causar danos ao inimigo, incluindo operações militares convencionais, táticas irregulares³, ciberataques, campanhas de desinformação, coerção econômica e subversão política. Esta forma de guerra permite que os agressores desgastem e desestabilizem estados-alvo, enquanto mantêm um grau de negação plausível sobre sua participação direta, ao envolver uma combinação de táticas convencionais, irregulares e cibernéticas com outros instrumentos de poder nacional, como informação, economia e política (Hoffman, 2007).

A relevância do estudo sobre a guerra híbrida torna-se particularmente evidente quando se analisam os recentes eventos geopolíticos. A Rússia, com suas intervenções na Ucrânia e o Irã, com suas operações no Oriente Médio, demonstra a eficácia da guerra híbrida para alcançar objetivos estratégicos sem o recurso a conflitos armados tradicionais.

¹ Para efeito desse trabalho consideramos “abordagem direta” como um método usado para iniciar o combate ou engajar diretamente com o inimigo.

² Para efeito desse trabalho consideramos “abordagem indireta” como estratégias que evitam o confronto direto com o inimigo, focando em explorar suas fraquezas e evitar suas forças.

³ Táticas irregulares são métodos e abordagens não convencionais utilizados em conflitos, que se desviam das táticas militares tradicionais.

Desde 2014, a anexação da Crimeia pela Rússia e a subsequente guerra no leste da Ucrânia destacaram o uso de táticas híbridas, incluindo a utilização de forças não identificadas, campanhas de desinformação massiva e ciberataques coordenados. A Rússia conseguiu desestabilizar a Ucrânia de maneira significativa através de uma mistura de operações militares e campanhas de desinformação (Galeotti, 2019). Simultaneamente, o Irã tem empregado uma combinação de guerra convencional e não convencional para aumentar sua influência na região, particularmente através de proxies⁴ como o Hezbollah e operações cibernéticas contra adversários regionais.

Desta forma, este trabalho se concentra nas ações específicas de guerra híbrida empregadas pelo Irã e pela Rússia em seus respectivos teatros de operações desde 2014 até 2023. A escolha deste período permite uma análise detalhada dos eventos mais influentes e recentes que moldaram o desenvolvimento e a implementação de táticas híbridas, fornecendo um panorama atualizado e relevante para os desafios de segurança atuais que poderão ser enfrentados pelo Brasil.

Esta dissertação está organizada em capítulos que abordam os seguintes tópicos: o primeiro capítulo sendo esta breve introdução, onde é realizada uma apresentação do tema e a relevância da guerra híbrida, o segundo, a fundamentação teórica, o qual são explorados as teorias e conceitos que embasam a guerra híbrida assim como suas características. No terceiro capítulo, uma análise da guerra híbrida utilizada pela Rússia, no quarto capítulo uma análise da guerra híbrida utilizada pelo Irã. No penúltimo capítulo aponta-se as implicações da guerra híbrida para a defesa nacional e o último capítulo, a conclusão, com uma síntese dos principais pontos discutidos.

⁴ O termo "proxies" se refere a atores não-estatais como grupos armados, milícias, insurgentes ou empresas militares privadas que são apoiados, patrocinados ou utilizados por um Estado para promover seus interesses e objetivos em um conflito, sem se envolver diretamente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITOS

Neste capítulo, é apresentada a fundamentação teórica do presente trabalho. Inicia-se com uma análise abrangente da guerra híbrida, explorando suas definições, origens e desenvolvimento ao longo do tempo. O objetivo é compreender as nuances desse conceito multifacetado, assim como suas implicações estratégicas.

Para alcançar essa compreensão, serão analisadas as características da guerra híbrida, conforme delineadas por destacados teóricos do tema. Pretende-se destacar não apenas os aspectos óbvios, mas também as sutilezas que permeiam essa forma de conflito, a fim de obter uma visão abrangente do assunto.

Além disso, será observada atenção especial aos componentes que compõem a guerra híbrida, analisando como esses elementos interagem e se influenciam mutuamente. Ao mesmo tempo, explorar-se-ão os conceitos das diferentes gerações de guerra, com foco particular na guerra de Quarta Geração, buscando compreender como esses paradigmas se relacionam com a evolução do conceito de guerra híbrida.

Uma parte significativa da análise é dedicada à evolução do próprio conceito de guerra híbrida ao longo do tempo. Pretende-se rastrear suas transformações e adaptações em resposta às mudanças no ambiente estratégico global, com o objetivo de compreender melhor seu significado e suas implicações atuais.

Ao concluir, uma síntese dos principais pontos discutidos até o momento. Essa síntese ajudará a estabelecer uma base sólida para as análises subsequentes, fornecendo um contexto teórico para o desenvolvimento de nosso estudo.

2.1 DEFINIÇÃO DE GUERRA HÍBRIDA

A guerra híbrida constitui uma forma complexa e multifacetada de conflito que transcende as distinções tradicionais entre guerra convencional e irregular. Caracteriza-se pela combinação simultânea e sinérgica de múltiplos métodos e instrumentos de poder para alcançar objetivos estratégicos (Hoffman, 2007). Frank Hoffman, um dos principais teóricos sobre o tema, define guerra híbrida como:

A Guerra Híbrida é a fusão de métodos convencionais e não convencionais, incluindo operações militares regulares, insurgência, terrorismo, ciberataques e propaganda, que caracterizam a forma como os atores em conflito utilizam a força militar, a política e a economia para alcançar seus objetivos. (Hoffman, 2007, p. 1-15).

Esta definição enfatiza a natureza multidimensional e adaptativa da guerra híbrida. Os elementos-chave incluem: combinação de táticas convencionais e não convencionais, uso de forças regulares e irregulares, emprego de operações cibernéticas e de informação, exploração de vulnerabilidades econômicas, políticas e sociais e utilização de atores estatais e não estatais.

A guerra híbrida visa criar ambiguidade e confusão, dificultando a atribuição de responsabilidade e a resposta efetiva por parte do adversário. Seu objetivo é confundir os limites entre guerra e paz e tentar inserir dúvidas nas mentes das populações (Galeotti, 2016). Um aspecto crucial da guerra híbrida é sua capacidade de explorar as vulnerabilidades específicas de cada sociedade, utilizando uma abordagem adaptativa que pode incluir manipulação de questões identitárias, campanhas de desinformação, lawfare⁵ e outros meios não militares (Korybko, 2015).

A guerra híbrida não é necessariamente um conceito novo, mas sua relevância aumentou significativamente no contexto geopolítico atual, especialmente após eventos como a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 (Renz e Smith, 2016). Sua eficácia reside na capacidade de atingir objetivos estratégicos sem recorrer a conflitos armados convencionais, tornando-a uma ferramenta atraente para atores que buscam vantagens geopolíticas sem incorrer nos custos e riscos associados à guerra tradicional.

É importante notar que, embora o termo seja amplamente utilizado, não há consenso universal sobre sua definição. Organizações como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)⁶ preferem usar o termo "ameaça híbrida" em vez de "guerra híbrida", refletindo a natureza frequentemente ambígua e não declarada desses conflitos.

2.2 ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO

O conceito de Guerra Híbrida tem suas raízes em uma longa tradição de pensamento estratégico que remonta a Sun Tzu e sua ênfase na importância de subjugar o inimigo sem lutar. No entanto, sua articulação moderna como um conceito

5 Lawfare é uma estratégia que utiliza a lei como um meio de alcançar objetivos militares ou estratégicos, substituindo ou complementando a força militar tradicional (ZANIN,2020).

6 A OTAN é uma aliança militar intergovernamental formada em 1949 com o objetivo principal de garantir a liberdade e a segurança de seus membros através de meios políticos e militares. Atualmente, conta com 32 países membros, principalmente da América do Norte e Europa.

distinto é relativamente recente. Frank G. Hoffman foi pioneiro na definição e popularização do conceito de Guerra Híbrida. Hoffman, em sua obra *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*, 2007 argumenta que a guerra híbrida representa uma fusão de diferentes modos e meios de guerra que transcende as categorias tradicionais de conflito.

O desenvolvimento do conceito pode ser traçado através de várias etapas. A primeira é a pré-conceituação, a qual os estrategistas militares já reconheciam a complexidade dos conflitos modernos⁷, mas ainda não haviam articulado um conceito unificado de guerra híbrida. A segunda etapa é a emergência do conceito, na qual o termo "guerra híbrida" começou a aparecer em publicações militares, refletindo a crescente consciência das mudanças na natureza dos conflitos. A terceira etapa é a consolidação teórica, onde ocorre a divulgação do artigo seminal de Hoffman no ano de 2007 e subseqüentes publicações ajudaram a definir e refinar o conceito de guerra híbrida. A quarta etapa é a aplicação prática e debate, a qual ocorre desde 2014 com a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, trazendo o conceito de guerra híbrida para o centro do debate estratégico internacional.

É importante notar que, embora o termo "guerra híbrida" seja relativamente novo, muitos dos elementos que o compõem têm uma longa história. Por exemplo, o uso de forças irregulares em conjunto com forças regulares remonta a conflitos antigos (Mansoor, 2012). O desenvolvimento do conceito de Guerra Híbrida reflete uma resposta adaptativa às complexidades do mundo contemporâneo, onde as fronteiras entre paz e guerra, combatentes e não combatentes, e meios militares e não militares de conflito se tornam cada vez mais indistintas (Kaldor, 2012). A evolução deste conceito também está intrinsecamente ligada aos avanços tecnológicos, particularmente no domínio cibernético e da informação, que têm expandido significativamente o escopo e a natureza dos conflitos modernos (Nye, 2011).

2.3 CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA GUERRA HÍBRIDA

A Guerra Híbrida é caracterizada pela integração de múltiplas táticas e

⁷ Para efeito desse trabalho consideramos "guerras modernas" aquelas realizadas na era da informação, que tem sido travadas por meio de ações simultâneas de naturezas distintas, não necessariamente militares. Possuem significativa variação do nível de intensidade do uso da força com nível grande de métodos modernos de guerra. (VISACRO, 2018).

estratégias, tanto convencionais quanto não convencionais, para alcançar objetivos estratégicos. Este tipo de conflito é marcado pela complexidade e pela capacidade de adaptação dos atores envolvidos, que utilizam uma combinação de métodos para maximizar seu impacto. As principais características da Guerra Híbrida incluem:

a) Combinação de Táticas Convencionais e Não Convencionais

Na Guerra Híbrida, os adversários empregam simultaneamente forças militares regulares, como exércitos e forças navais, e táticas não convencionais, incluindo guerrilha⁸, terrorismo e sabotagem. Esta abordagem visa confundir e sobrecarregar o adversário, dificultando uma resposta coordenada e eficaz (Hoffman, 2007).

b) Guerra Cibernética

Os ataques cibernéticos são uma componente crucial da Guerra Híbrida. Esses ataques podem visar infraestruturas críticas, como redes de energia, sistemas financeiros e comunicações, comprometendo a segurança e a funcionalidade dos sistemas do adversário. A combinação de ataques cibernéticos com operações militares tradicionais permite uma abordagem multidimensional para desestabilizar e confundir o adversário (Nye, 2011).

c) Operações de Informação e Propaganda

A manipulação da informação e a propaganda são usadas para influenciar a opinião pública, tanto doméstica quanto internacional, e para desmoralizar e dividir o adversário. Isso pode incluir campanhas de desinformação, uso de mídias sociais e outras plataformas digitais para espalhar mensagens falsas ou enganosas. A guerra de informação visa controlar a narrativa e moldar percepções para obter vantagens estratégicas (Kaldor, 2012).

d) Guerra Econômica

⁸ De acordo com o Glossário das Forças Armadas do Ministério da Defesa, guerrilha é definida como uma forma de guerra irregular que compreende ações de combate realizadas por forças não convencionais, geralmente em áreas rurais.

Medidas econômicas, como sanções, bloqueios e manipulação de mercados, são empregadas para enfraquecer a economia do adversário e diminuir sua capacidade de sustentar esforços de guerra. A guerra econômica pode criar pressões internas significativas, minando a estabilidade e a coesão do adversário (Galeotti, 2016).

e) Atores Estatais e Não Estatais

Na Guerra Híbrida, os atores podem incluir estados-nação⁹, mas também grupos não estatais, como insurgentes, milícias¹⁰, organizações terroristas e até redes criminosas. Estes grupos podem operar de maneira autônoma ou ser patrocinados por estados para atuar como proxies, fornecendo uma camada adicional de negação plausível para o patrocinador estatal. A utilização de atores não estatais permite flexibilidade e a possibilidade de negar envolvimento direto (Korybko, 2015).

2.4 COMPONENTES DA GUERRA HÍBRIDA

A Guerra Híbrida é composta por múltiplos elementos coordenados para criar um impacto combinado e maximizar a eficácia das operações (Hoffman, 2007). Estes elementos incluem:

a) Componente Militar Convencional e Não Convencional

Envolve o uso de forças convencionais, guerrilhas e operações especiais para realizar ações diretas contra o adversário. As operações militares são projetadas para criar uma pressão constante e desgastar as capacidades do inimigo (Kofman; Rojansky, 2015).

b) Componente Cibernético

⁹ Para este trabalho consideramos “estados-nação” como um governo centralizado que exerce autoridade sobre um território definido, uma população que se identifica como parte de uma mesma comunidade nacional, e o reconhecimento da soberania desse estado por outros estado.

¹⁰ Neste trabalho, milícia se refere a qualquer organização militar ou paramilitar que atua de forma independente das forças armadas oficiais, com interesses particulares, como políticos e monetários.

Compreende ataques cibernéticos que visam sistemas de informação, redes de comunicação e infraestrutura digital crítica. Esses ataques podem comprometer a segurança e a funcionalidade dos sistemas do adversário, criando desorganização e confusão (Clarke; Knake, 2020).

c) Componente Econômico

Inclui a aplicação de sanções econômicas, bloqueios e outras medidas para enfraquecer a economia do adversário. A guerra econômica pode diminuir a capacidade do adversário de financiar e sustentar operações de guerra prolongadas (Galeotti, 2016).

d) Componente Psicológico e Informacional

Envolve campanhas de propaganda, desinformação e guerra psicológica para influenciar a opinião pública e minar a moral do adversário. A guerra psicológica visa desestabilizar a coesão interna e criar divisões dentro das fileiras inimigas (Korybko, 2015).

e) Componente Criminal

Utiliza redes criminosas para operações encobertas, financiamento e outras atividades ilícitas que apoiem os objetivos estratégicos. Grupos criminosos podem fornecer apoio logístico e financeiro, além de realizar ações que desestabilizam o adversário (Galeotti, 2016).

A integração desses componentes permite uma abordagem multidimensional ao conflito, tornando a Guerra Híbrida uma estratégia complexa e adaptável às diversas situações geopolíticas contemporâneas.

2.5 EVOLUÇÃO DO CONCEITO

Para compreender plenamente a Guerra Híbrida, é essencial analisar a evolução das gerações da guerra, cada uma refletindo mudanças na tecnologia, táticas e objetivos dos conflitos. A seguir, apresentamos um panorama histórico das

principais gerações de guerra, destacando suas características distintivas e contribuições para o desenvolvimento do conceito de Guerra Híbrida.

2.5.1 Primeira Geração de Guerra (Séculos XVII-XIX)

A Primeira Geração de Guerra, predominante entre os séculos XVII e XIX, caracterizou-se por:

Formações em Linha e Coluna: Exércitos organizados em linhas e colunas, utilizando técnicas de combate corpo a corpo e armas de fogo rudimentares.

Disciplina e Comando Rígido: Ênfase na disciplina militar e no comando centralizado.

Exércitos Profissionais: Formação de exércitos nacionais e profissionais, substituindo as forças mercenárias.

Exemplo notável desta geração são as Guerras Napoleônicas¹¹, onde a organização e a manobra das tropas desempenharam papel crucial (Lind *et al.*, 1989).

2.5.2 Segunda Geração de Guerra (Primeira Guerra Mundial)

A Segunda Geração de Guerra, também conhecida como Guerra Industrial, emergiu durante a Primeira Guerra Mundial e apresentou as seguintes características:

Uso Massivo de Artilharia e Metralhadoras: Emprego extensivo de artilharia pesada e metralhadoras.

Guerra de Trincheiras: Construção de trincheiras para defesa e ataques prolongados.

Guerra de Desgaste: Estratégia focada na exaustão do inimigo através de bombardeios e ataques diretos.

A Batalha de Verdun¹² exemplifica esta abordagem, marcada pela brutalidade e pelo alto número de baixas (Hammes, 2004).

¹¹ As “Guerras Napoleônicas” foram uma série de conflitos que ocorreram entre 1803 e 1815, envolvendo o Primeiro Império Francês, liderado por Napoleão Bonaparte, contra várias coalizões de nações europeias.

¹² A “Batalha de Verdun” foi um dos confrontos mais longos e sangrentos da Primeira Guerra Mundial, ocorrendo entre 21 de fevereiro e 18 de dezembro de 1916.

2.5.3 Terceira Geração de Guerra (Segunda Guerra Mundial)

A Terceira Geração de Guerra, ou Guerra de Manobra, desenvolveu-se durante a Segunda Guerra Mundial e caracterizou-se por:

Velocidade e Surpresa: Ênfase na rapidez e no elemento surpresa para desestabilizar o inimigo.

Manobra Tática: Foco em penetrar rapidamente as linhas inimigas e causar desorganização.

Tecnologia Avançada: Utilização de tanques, aviões e outras tecnologias modernas.

A Blitzkrieg¹³ alemã é um exemplo emblemático desta geração, priorizando a mobilidade e a coordenação rápida de forças (Lind *et al.*, 1989).

2.5.4 Quarta Geração de Guerra

A Quarta Geração de Guerra (4GW), conceito introduzido por William S. Lind *et al.* (1989), representa uma ruptura significativa com as convenções estabelecidas pelas gerações anteriores. Esta geração é caracterizada por uma complexidade crescente e pela dissolução das fronteiras tradicionais entre combatentes e não combatentes, bem como entre os domínios militar e civil.

As principais características da 4GW incluem:

a) Participação de atores não estatais: Grupos insurgentes, milícias e organizações terroristas assumem papéis proeminentes, desafiando o monopólio estatal sobre o uso da força (Hammes, 2004).

b) Operações descentralizadas: As ações são conduzidas de maneira dispersa e autônoma, dificultando a identificação e neutralização das forças adversárias.

c) Utilização de táticas de guerrilha: Emprego de métodos assimétricos e não convencionais para compensar disparidades em recursos e capacidades militares.

d) Integração com a população civil: Os combatentes frequentemente se misturam à população não combatente, tornando a distinção entre alvos legítimos e ilegítimos mais complexa.

¹³ A Blitzkrieg, que em alemão significa "guerra-relâmpago", foi uma tática militar inovadora utilizada pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

e) Ênfase na guerra de informação e psicológica: Utilização intensiva de propaganda, desinformação e manipulação midiática para influenciar percepções e minar o apoio político ao adversário.

f) Objetivos político-ideológicos: As motivações dos conflitos transcendem questões meramente territoriais ou econômicas, abrangendo aspectos culturais, religiosos e identitários.

A Guerra do Vietnã (1955-1975) é frequentemente citada como um exemplo paradigmático desta geração, onde o Vietcong¹⁴ empregou táticas de guerrilha contra as forças convencionais americanas, demonstrando a eficácia de métodos assimétricos contra um adversário tecnologicamente superior (Lind *et al.*, 1989).

A 4GW representa um desafio significativo para as estruturas militares e de segurança tradicionais, exigindo uma adaptação contínua das estratégias de defesa e uma abordagem mais holística e multidimensional para a resolução de conflitos. Esta geração de guerra evidencia a crescente complexidade do ambiente operacional contemporâneo, onde as linhas entre guerra e paz, combatentes e civis, e meios militares e não militares se tornam cada vez mais indistintas.

2.5.5 Transição para a Guerra Híbrida

A evolução das gerações de guerra culmina no surgimento do termo “Guerra Híbrida”, que incorpora e expande elementos de todas as gerações anteriores, com ênfase particular na Quarta Geração. A Guerra Híbrida representa uma síntese complexa e polifacetada das abordagens precedentes, adaptada ao contexto geopolítico e tecnológico contemporâneo.

As características distintivas da Guerra Híbrida incluem:

Integração sinérgica de táticas convencionais e não convencionais;

Combinação coordenada de operações militares, cibernéticas, econômicas e informacionais;

Utilização simultânea de atores estatais e não estatais;

Foco estratégico na exploração de vulnerabilidades sociais, políticas e econômicas do adversário;

¹⁴ O Vietcong, também conhecido como Frente Nacional para a Libertação do Vietname (FNL), foi uma organização político-militar que lutou contra o governo do Vietnã do Sul e as forças dos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã (1954-1975). (GOLDBERG, 2008)

Emprego de tecnologias avançadas em conjunto com métodos tradicionais.

A Guerra Híbrida se distingue pela sua capacidade de operar em múltiplos domínios simultaneamente, criando um ambiente operacional complexo e ambíguo. Esta abordagem visa confundir e sobrecarregar os sistemas de tomada de decisão do adversário, explorando as lacunas entre os conceitos tradicionais de guerra e paz (Hoffman, 2007).

A relevância crescente da Guerra Híbrida no cenário geopolítico atual é evidenciada por eventos como a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, que demonstrou a eficácia de combinar operações militares convencionais com táticas de guerra de informação e operações cibernéticas (Galeotti, 2016). Esta evolução reflete a necessidade de abordagens mais flexíveis e multidimensionais para enfrentar as ameaças contemporâneas, que transcendem as categorias tradicionais de conflito.

A compreensão da Guerra Híbrida é fundamental para contextualizar e analisar os desafios de segurança do século XXI, fornecendo um quadro teórico para a interpretação de conflitos complexos e multifacetados.

2.6 OBJETIVOS ESTRATÉGICOS DA GUERRA HÍBRIDA

Os objetivos estratégicos na 4GW geralmente envolvem a erosão da vontade política e a legitimidade do adversário (Lind et al, 1989). Os insurgentes e grupos não estatais buscam desgastar seu oponente ao longo do tempo, tornando o custo do conflito insustentável. Na Guerra Híbrida, os objetivos são ainda mais abrangentes e multiformes.

Além de desgastar a vontade do inimigo, a Guerra Híbrida visa alcançar objetivos políticos, econômicos e sociais simultaneamente, podemos assim incluir a desestabilização de Governos, a manipulação de mercados financeiros, influência na opinião pública, criação de alianças internacionais e operações militares e cibernéticas coordenadas.

Através de operações de informação e propaganda, grupos na Guerra Híbrida podem minar a confiança pública nas instituições governamentais, criar desordem e fomentar a desobediência civil. Atacantes podem usar ciberataques para desestabilizar sistemas financeiros, causar pânico econômico e manipular mercados para beneficiar seus interesses ou prejudicar a economia do adversário.

A propaganda e a guerra psicológica são usadas para moldar percepções públicas, tanto domésticas quanto internacionais. Isso pode envolver a disseminação de notícias falsas, teorias da conspiração e outras formas de desinformação para polarizar a sociedade e enfraquecer a coesão interna.

A Guerra Híbrida pode envolver esforços diplomáticos para isolar o adversário internacionalmente, criando alianças e coalizões que aumentam a pressão política e econômica sobre o inimigo. A combinação de ataques cibernéticos com operações militares tradicionais permite uma abordagem multidimensional para desestabilizar e confundir o adversário. Isso pode incluir ataques a infraestruturas críticas, operações de sabotagem e campanhas de desinformação para criar caos e desorganização.

2.7 CONCLUSÕES PARCIAIS

A compreensão da Guerra Híbrida como uma evolução da Quarta Geração de Guerra permite identificar as complexidades e as diversas estratégias empregadas pelos atores modernos. Esta transição reflete uma adaptação às mudanças nas dinâmicas globais de poder, tecnologia e comunicação. Ao integrar métodos convencionais e não convencionais, a Guerra Híbrida oferece uma abordagem mais flexível e eficaz para enfrentar os desafios contemporâneos. Analisar a Guerra Híbrida sob esta perspectiva fornece uma base sólida para entender como os conflitos atuais são travados e nos ajuda na preparação, para antecipar e responder às futuras ameaças no campo de batalha global.

Independentemente dos rótulos ou nomenclaturas atribuídas, é crucial reconhecer que a essência dos conflitos é atemporal e intrinsecamente humana. Embora possa se perder em debates sobre as nuances das estratégias contemporâneas, a verdade fundamental permanece: a guerra é, e sempre será, um confronto de vontades.

Ao longo da história, conforme visto neste capítulo, as ferramentas e técnicas de guerra evoluíram de maneiras intensas. Desde os primórdios da humanidade, passando pelas inovações da Idade Média até os avanços tecnológicos da era moderna, as táticas de combate se adaptaram às circunstâncias e às demandas do momento. No entanto, mesmo com todas essas mudanças, a natureza básica do conflito não mudou.

A introdução de novas armas, tecnologias e estratégias pode alterar a paisagem do campo de batalha, mas a luta subjacente continua sendo uma competição entre vontades e interesses opostos. É esse choque de vontades que define a essência da guerra, independentemente das formas que ela assume.

Portanto, ao considerar o futuro da guerra e os desafios que enfrentamos, é crucial lembrar que, por mais complexas e sofisticadas que se tornem as abordagens, elas sempre serão moldadas pela mesma força motriz, que é a busca pela supremacia sobre o outro. Enquanto a sociedade continua a evoluir e novas tecnologias emergem, sendo imperativo que mantenhamos essa compreensão fundamental em mente para enfrentar os desafios futuros com clareza e discernimento.

3 GUERRA HÍBRIDA DO PONTO DE VISTA DA RÚSSIA

As relações entre a Rússia e o Ocidente têm sido historicamente complexas, marcadas por períodos de cooperação e confronto. Desde o fim da Guerra Fria¹⁵, a dinâmica dessas relações tem sido influenciada por uma série de fatores geopolíticos, ideológicos e estratégicos, refletindo os interesses e objetivos muitas vezes conflitantes das partes envolvidas. Nesse contexto, as táticas de guerra não militar e híbrida adotadas pela Rússia emergiram como um elemento central nas interações entre Moscou e as capitais ocidentais.

Neste capítulo, será explorado o pensamento russo sobre guerra híbrida, observando as origens históricas, as doutrinas militares, as estratégias e as táticas que moldaram a abordagem russa em relação à guerra híbrida. Além disso, será examinado como a Rússia percebe e utiliza a guerra híbrida como parte integrante de sua política externa e estratégia de segurança nacional. Por fim, uma conclusão parcial.

3.1 ORIGENS HISTÓRICAS

A compreensão da abordagem russa à guerra híbrida remonta a várias tradições e práticas que se estendem desde a era czarista¹⁶, passando pela União Soviética até o período pós-soviético. A continuidade e a evolução dessas práticas ao longo do tempo são fundamentais para explicar a aplicação sofisticada e atual da guerra híbrida pela Rússia.

Mesmo antes da era soviética, o Império Russo já empregava formas rudimentares de guerra híbrida. Durante o século XIX e início do século XX, a Rússia utilizou espionagem, propaganda e manipulação de informações como ferramentas para manter o controle sobre seu vasto território e influenciar adversários. A diplomacia russa frequentemente se misturava com operações de inteligência para alcançar objetivos estratégicos (Pragana, 2015).

¹⁵ A “Guerra Fria” foi um período de tensão geopolítica entre os Estados Unidos e a União Soviética, juntamente com seus respectivos aliados, o Bloco Ocidental e o Bloco Oriental. Esse período se estendeu de 1947, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, até a dissolução da União Soviética em 1991.

¹⁶ A era czarista refere-se ao período da história russa em que o país foi governado por czares, desde meados do século XVI até a Revolução Russa de 1917.

Durante a União Soviética, a abordagem híbrida à guerra tornou-se mais sistemática e institucionalizada, com o desenvolvimento de um vasto arsenal de técnicas para influenciar adversários e promover a ideologia comunista. A desinformação foi uma ferramenta crucial da KGB¹⁷ e de outras agências soviéticas. A criação e disseminação de notícias falsas e a manipulação de fatos eram usadas para semear confusão e dúvida nos países ocidentais. A operação "*InfeKtion*", por exemplo, foi uma campanha de desinformação da KGB nos anos 1980 que espalhou a falsa narrativa de que o vírus da AIDS foi criado por cientistas americanos como uma arma biológica (Barbosa, 2015).

A União Soviética também apoiou movimentos de libertação nacional, guerrilhas e partidos comunistas em diversos países, oferecendo treinamento, armas e suporte logístico. Este suporte era muitas vezes clandestino, ajudando a fomentar revoltas e a criar instabilidade política nos países-alvo. A assistência soviética a movimentos de guerrilha em Angola, Vietnã e Afeganistão são exemplos notáveis (Nemeth, 2012).

A coleta de informações por meio de espionagem foi um componente crucial das operações soviéticas. A infiltração de agentes em governos, exércitos e indústrias estratégicas dos países-alvo permitiu à União Soviética obter informações vitais e, às vezes, realizar ações de sabotagem. A KGB, em particular, desenvolveu uma extensa rede de espionagem internacional que operava em diversos níveis da sociedade, desde infiltrados em altos cargos governamentais até agentes disfarçados como diplomatas e jornalistas (Korybko, 2018).

Com o colapso da União Soviética em 1991, a Rússia enfrentou um período de tumulto e reestruturação. No entanto, as técnicas de guerra híbrida não desapareceram; pelo contrário, foram adaptadas às novas realidades do mundo globalizado e tecnologicamente avançado. As antigas agências soviéticas foram reformadas e reestruturadas. A FSB (*Federal'naya Sluzhba Bezopasnosti*), sucessora da KGB, manteve muitas das práticas e capacidades de desinformação e espionagem. Além disso, novas agências focadas em cibersegurança e operações cibernéticas foram estabelecidas, refletindo a importância crescente da internet e das tecnologias da informação (Galeotti, 2019).

A ascensão da internet e das redes sociais ofereceu novas oportunidades para

¹⁷A KGB (*Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti*) foi a principal agência de inteligência e segurança interna da União Soviética entre 1954 e 1991.

a disseminação de desinformação. A Rússia rapidamente adotou essas tecnologias, utilizando-as para influenciar a opinião pública tanto interna quanto externamente. As campanhas de desinformação durante as eleições presidenciais nos Estados Unidos em 2016 e na França em 2017 são exemplos de como a Rússia utiliza essas novas plataformas para exercer influência global (BBC, 2022).

Em 2013, o General Valery Gerasimov, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Rússia, publicou um artigo que é frequentemente citado como a formalização moderna do conceito de guerra híbrida. Gerasimov argumentou que as distinções entre guerra e paz estavam se tornando obsoletas e que um novo tipo de guerra, combinando operações militares com táticas políticas, econômicas e informacionais, era necessário. Este pensamento reflete uma continuidade das práticas históricas russas adaptadas para o século XXI (Palmer, 2015).

Assim, a abordagem russa à guerra híbrida é profundamente enraizada em uma tradição histórica de manipulação e influência, adaptada às condições contemporâneas do conflito global.

O empenhamento de grandes forças a nível estratégico e operacional tem-se tornado cada vez mais uma coisa do passado. As operações conduzidas a longa distância e nas quais não existe contato com o inimigo estão-se a tornar o principal meio para o alcance dos objetivos operacionais e de combate. (Palmer, 2015, p. 6).

3.2 DOCTRINA MILITAR

A evolução das doutrinas militares russas, especialmente após a dissolução da União Soviética, reflete um reconhecimento crescente da importância da guerra híbrida. Essas doutrinas combinam elementos de operações militares convencionais com técnicas não convencionais, como desinformação, guerra cibernética e outras formas de guerra irregular. A análise dessas doutrinas revela como a Rússia desenvolveu uma abordagem abrangente e multifacetada para a guerra moderna.

A Doutrina Gerasimov, nomeada em referência ao General Valery Gerasimov, é frequentemente citada como um marco na formalização do conceito de guerra híbrida na estratégia militar russa contemporânea. Conforme citado por Palmer em seu artigo intitulado "O Valor da Ciência na Antecipação", Gerasimov enfatizou a importância das "ações não-militares" que, segundo ele, podem superar a eficácia da

força armada convencional em muitos casos.

Gerasimov argumentou que as fronteiras entre guerra e paz estão se tornando cada vez mais indistintas, sugerindo que uma combinação de medidas políticas, econômicas, informacionais e outras poderia ser mais eficaz do que o uso direto da força militar. Esta visão reflete uma adaptação da estratégia russa às complexidades do ambiente de segurança do século XXI (Galeotti, 2018).

A doutrina enfatiza a importância de mobilizar a população e utilizar a guerra psicológica para influenciar as percepções públicas e desestabilizar o inimigo internamente. Neste contexto, campanhas de desinformação e manipulação de mídia são consideradas componentes críticos desse esforço (Kofman; Rojansky, 2015).

Outro aspecto crucial da doutrina é a utilização de forças especiais, mercenários e grupos paramilitares para conduzir operações assimétricas e de guerrilha. Isso permite atingir alvos estratégicos e criar caos nas linhas inimigas sem comprometer grandes contingentes militares convencionais (Bartles, 2016).

A guerra cibernética e a utilização de tecnologias avançadas para conduzir ataques a infraestruturas críticas, redes de comunicação e sistemas de defesa do inimigo são também características-chave da guerra moderna identificadas por Gerasimov. Isso inclui tanto ataques cibernéticos diretos quanto a manipulação de redes sociais para influenciar a opinião pública (Connell; Vogler, 2017).

3.3 ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DA GUERRA HÍBRIDA RUSSA

A abordagem russa à guerra híbrida é composta por uma combinação sofisticada de estratégias e táticas que visam explorar as vulnerabilidades do adversário em múltiplas dimensões. Esta abordagem pode ser dividida em três fases principais: Preparação, Desestabilização e Coação (FRIDMAN, 2018).

3.3.1 Fase de Preparação

A fase de Preparação visa criar condições favoráveis para uma potencial intervenção militar. Esta etapa é crucial para estabelecer um ambiente propício, permitindo que a Rússia crie um clima de tensão e desestabilize o governo alvo antes de iniciar qualquer ação militar direta. Isso inclui ações políticas, econômicas e

cibernéticas para influenciar a opinião pública e minar a estabilidade interna do país-alvo.

3.3.2 Fase de Desestabilização

A fase de Desestabilização busca intensificar a instabilidade e criar condições para uma possível intervenção militar. Esta fase é essencial para a guerra híbrida, pois permite que a Rússia desestabilize o governo alvo e crie um ambiente de incerteza e desordem. As táticas empregadas nesta fase podem incluir a intensificação de campanhas de desinformação, o apoio a grupos separatistas ou de oposição, e a realização de ciberataques contra infraestruturas críticas (FRIDMAN, 2018).

3.3.3 Fase de Coação

A fase de Coação é a etapa final, na qual a Rússia aplica pressão direta sobre o governo alvo para forçá-lo a ceder às suas demandas. Em 2013, Vladimir Putin¹⁸ mencionou que esta fase pode envolver ações militares limitadas, demonstrações de força, ou a ameaça de uma intervenção em larga escala. O objetivo é coagir o adversário a aceitar as condições impostas pela Rússia sem necessariamente recorrer a um conflito aberto e prolongado.

Em todas estas fases, a Rússia emprega uma variedade de ferramentas, incluindo operações de informação, guerra cibernética, pressão econômica, e o uso de forças convencionais e não convencionais. Esta abordagem multifacetada visa criar ambiguidade e confusão, dificultando a atribuição de responsabilidade e a resposta efetiva por parte do adversário (Hoffman, 2007).

A eficácia desta abordagem foi demonstrada durante a anexação da Crimeia em 2014 e nas operações subsequentes no leste da Ucrânia. A Rússia utilizou uma combinação de ações políticas, econômicas e militares para influenciar a política interna e externa da Ucrânia, criando um ambiente de tensão e incerteza que facilitou suas operações (Kofman e Rojansky, 2015).

¹⁸ Vladimir Putin é um político russo que tem ocupado posições de liderança na Rússia desde 1999. Em 2013, Vladimir Putin ocupava o cargo de Presidente da Rússia.

Além disso, a guerra híbrida russa inclui o uso de forças convencionais de maneira subversiva para alcançar objetivos políticos, como observado na intervenção na Síria, onde a Rússia combinou o uso de sua Força Aérea com tropas de operações especiais e unidades de polícia militar para influenciar o conflito (Institute for the Study of War, 2024).

3.4 A GUERRA HÍBRIDA COMO PARTE DA POLÍTICA EXTERNA RUSSA

A Federação Russa emprega a guerra híbrida como um instrumento estratégico fundamental para alcançar seus objetivos geopolíticos no cenário internacional. Esta abordagem multifacetada permite à Rússia exercer influência tanto na política interna quanto externa de outros países, projetando poder e salvaguardando seus interesses nacionais e regionais de maneira eficaz e com menor risco de retaliação direta.

A guerra híbrida possibilita que a Rússia obtenha vantagens estratégicas significativas sem recorrer a conflitos militares convencionais. Isso inclui uma gama diversificada de táticas, como ciberataques, campanhas de desinformação, apoio a movimentos separatistas, utilização de forças irregulares, imposição de sanções econômicas e intervenções políticas clandestinas (Kofman e Rojansky, 2015).

A anexação da Crimeia em 2014 exemplifica a aplicação prática da guerra híbrida pela Rússia. Neste episódio, o país empregou uma combinação sinérgica de ações políticas, econômicas e militares para influenciar a conjuntura interna e externa da Ucrânia, culminando na anexação do território. Esta operação envolveu a mobilização de tropas nas proximidades da Crimeia, a criação de um ambiente de tensão e a aplicação de pressão diplomática sobre a Ucrânia (Kofman e Rojansky, 2015).

Além disso, a Rússia tem utilizado táticas de guerra híbrida em sua intervenção na Ucrânia, incluindo a formação e apoio a grupos paramilitares, disseminação de desinformação e propaganda para manipular a opinião pública ucraniana e gerar instabilidade. A guerra eletrônica também tem sido empregada para interferir nas comunicações ucranianas, criando um ambiente de confusão e incerteza (Kofman e Rojansky, 2015).

A aplicação da guerra híbrida pela Rússia não se restringe à Ucrânia. Em diversas regiões da Europa Oriental, a Rússia tem buscado influenciar a política

interna e externa dos países através da criação de grupos paramilitares, campanhas de desinformação e propaganda. A guerra eletrônica tem sido uma ferramenta crucial para interferir nas comunicações e criar um ambiente de instabilidade nestas regiões (Kofman e Rojansky, 2015).

Portanto, a tática da guerra híbrida constitui um elemento central na estratégia russa, permitindo ao país alcançar seus objetivos geopolíticos de maneira eficaz, sem a necessidade de recorrer a confrontos militares tradicionais. Esta abordagem possibilita à Rússia manipular a percepção pública e a resposta internacional, dificultando a atribuição direta de suas ações e evitando a escalada de conflitos em larga escala.

3.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

A análise da estratégia russa de guerra híbrida revela uma abordagem multifacetada e adaptativa para alcançar objetivos geopolíticos no cenário internacional. Esta metodologia integra táticas militares convencionais com operações não convencionais, incluindo ciberataques, campanhas de desinformação e intervenções econômicas e políticas clandestinas.

A eficácia desta estratégia reside em sua capacidade de projetar poder e influência sem recorrer a conflitos militares diretos, manipular percepções públicas e respostas internacionais, dificultar a atribuição direta de responsabilidade por ações hostis e evitar a escalada para conflitos em larga escala.

A anexação da Crimeia em 2014 e as subsequentes operações na Ucrânia exemplificam a aplicação prática desta doutrina. Nestas operações, a Rússia empregou uma combinação de forças convencionais e irregulares, guerra de informação e pressão diplomática para alcançar seus objetivos estratégicos.

A guerra híbrida russa também se estende além de suas fronteiras imediatas, influenciando a política interna e externa de países na Europa Oriental através de operações de informação, apoio a grupos paramilitares e interferência em processos democráticos.

Esta abordagem apresenta desafios significativos para a comunidade internacional, exigindo uma reavaliação das estratégias de defesa e segurança tradicionais. A natureza difusa e multidimensional da guerra híbrida demanda

respostas igualmente complexas e adaptativas, envolvendo não apenas capacidades militares, mas também competências em cibersegurança, contrainformação e resiliência sociopolítica.

Em suma, a guerra híbrida emerge como um elemento central na estratégia de segurança nacional russa, refletindo uma evolução nas táticas de conflito contemporâneo e demandando uma compreensão aprofundada por parte dos atores internacionais para desenvolver contramedidas eficazes.

4 GUERRA HÍBRIDA DO PONTO DE VISTA DO IRÃ

O Irã é um dos principais atores contemporâneos em relação à guerra híbrida, tendo desenvolvido estratégias para influenciar a política internacional e desestabilizar seus inimigos. A estratégia iraniana de guerra híbrida caracteriza-se por sua capacidade de operar de maneira dissimulada, utilizando uma variedade de meios, incluindo operações militares, propaganda, desinformação e ataques cibernéticos. Esta abordagem adaptativa permite ao Irã alcançar seus objetivos em um cenário internacional em constante mudança, utilizando todas as ferramentas disponíveis.

Neste capítulo, são explorados as origens históricas e o desenvolvimento da doutrina de guerra híbrida aplicada pelo Irã, as doutrinas militares, as estratégias e as táticas que moldaram a abordagem iraniana em relação à guerra híbrida. Adicionalmente, será analisado como o Irã percebe e utiliza a guerra híbrida como parte componente de sua política e estratégia de segurança nacional. Por fim, apresentar-se-á uma conclusão parcial.

4.1 ORIGENS HISTÓRICAS E DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA DA GUERRA HÍBRIDA NO IRÃ

A doutrina da guerra híbrida no Irã tem suas raízes em uma complexa teia de experiências históricas e desenvolvimentos geopolíticos. A Guerra Irã-Iraque (1980-1988) desempenhou um papel fundamental na formação desta doutrina, proporcionando um campo de testes para táticas de guerrilha e subversão que se tornariam elementos centrais da estratégia militar iraniana. Durante este conflito, o Irã desenvolveu uma abordagem de guerra assimétrica para enfrentar adversários tecnologicamente superiores, estabelecendo as bases para sua futura doutrina de guerra híbrida (Eisenstadt, 2011).

A Revolução Islâmica¹⁹ de 1979 e a subsequente criação da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) foram eventos cruciais que moldaram a abordagem iraniana à guerra híbrida. Inicialmente concebida como uma força paramilitar para

¹⁹ A Revolução Islâmica, também conhecida como Revolução Iraniana, foi um movimento revolucionário que ocorreu no Irã em 1979, resultando na queda da monarquia autocrática do xá Mohammad Reza Pahlevi e na criação de uma república islâmica teocrática liderada pelo aiatolá Ruhollah Khomeini (MARTINS, 2018).

proteger a Revolução, a IRGC evoluiu para se tornar uma entidade militar multifacetada, capaz de conduzir operações convencionais e não convencionais. A IRGC tornou-se o principal instrumento para a implementação da estratégia de "zona cinzenta" do Irã, que combina elementos de guerra assimétrica e híbrida (Eisenstadt, 2020).

O desenvolvimento da guerra cibernética como componente da doutrina da guerra híbrida do Irã reflete a adaptação do país às mudanças tecnológicas globais. O Irã tem investido significativamente em capacidades cibernéticas, utilizando-as tanto para defesa quanto para operações ofensivas. Eventos como o ataque cibernético à empresa petrolífera Saudi Aramco em 2012 demonstram a crescente sofisticação das capacidades iranianas neste domínio (Clarke; Knake, 2020).

As estratégias de propaganda e guerra de informação também evoluíram como elementos essenciais da doutrina de guerra híbrida iraniana. O Irã tem utilizado extensivamente operações de informação e guerra psicológica para moldar percepções e comportamentos, tanto internamente quanto em países-alvo. Estas táticas visam criar ambiguidade, minar a confiança nas instituições e explorar divisões sociais e políticas existentes (Eisenstadt, 2020).

A utilização de proxies, como o Hezbollah no Líbano, tornou-se uma característica distintiva da abordagem iraniana à guerra híbrida. Esta estratégia permite ao Irã projetar poder e influência além de suas fronteiras, mantendo um grau de negação plausível. O apoio a grupos como o Hezbollah, que começou logo após a Revolução Islâmica, exemplifica a capacidade do Irã de combinar táticas convencionais e não convencionais para alcançar objetivos estratégicos (Lupovici, 2016).

A doutrina de guerra híbrida do Irã é o resultado de décadas de experiências históricas, adaptações estratégicas e respostas às mudanças no cenário geopolítico global. Esta abordagem multifacetada reflete a determinação do Irã em desenvolver capacidades assimétricas para enfrentar adversários potencialmente mais poderosos em termos convencionais, integrando elementos militares, cibernéticos, informacionais e econômicos em uma estratégia coesa e adaptável.

4.2 INFLUÊNCIAS E APLICAÇÕES PRÁTICAS DA GUERRA HÍBRIDA UTILIZADA PELO IRÃ.

Entre 2013 e 2024, o Irã demonstrou uma abordagem sofisticada e multifacetada da guerra híbrida, utilizando uma variedade de estratégias para influenciar e projetar poder regional e globalmente, especialmente em países como Síria, Iraque, Líbano e Iêmen. Através do apoio a grupos paramilitares e milícias, como o Hezbollah no Líbano e as Forças de Mobilização Popular no Iraque, o Irã tem conseguido estabelecer uma presença militar indireta nessas regiões. Esse apoio inclui fornecimento de armas, treinamento e assistência financeira, fortalecendo grupos aliados e criando zonas de influência que podem ser ativadas conforme necessário para defender interesses iranianos.

Outra característica é o investimento do Irã em capacidades cibernéticas. Em 2013, em retaliação à imposição de sanções econômicas pelos Estados Unidos, o Irã realizou um ataque cibernético à empresa petrolífera estatal da Arábia Saudita, Saudi Aramco, destacando a capacidade do Irã de conduzir operações cibernéticas ofensivas. Em 2020, uma série de ataques cibernéticos atingiu infraestruturas críticas em Israel, ilustrando a evolução das capacidades cibernéticas iranianas, tornando o ciberespaço um campo de batalha essencial na guerra híbrida iraniana (Clarke e Knake, 2020).

O uso de proxies e milícias tem sido uma marca registrada da estratégia iraniana. Grupos como o Hezbollah no Líbano, as Forças de Mobilização Popular no Iraque e os Houthis no Iêmen têm agido como extensões da política externa iraniana. Esses grupos proporcionam ao Irã uma maneira de influenciar eventos regionais sem se envolver diretamente (Parsi, 2021).

Outro componente chave da estratégia da guerra híbrida iraniana é o uso da propaganda e da guerra de informação. As redes de mídia controladas pelo Estado, como a Press TV, são usadas para disseminar narrativas pró-iranianas e contrapor a influência ocidental. O Irã utiliza sua mídia estatal para moldar a opinião pública e ganhar apoio para suas políticas internas e externas (Seib, 2020).

4.3 GUERRA HÍBRIDA COMO COMPONENTE DA POLÍTICA EXTERNA E INTERNA DO IRÃ.

A política externa iraniana no período contemporâneo tem se caracterizado por uma abordagem multidimensional e adaptativa, na qual a guerra híbrida desempenha um papel central. Esta estratégia permite ao Irã projetar poder e influência de maneira assimétrica, contornando suas limitações convencionais e econômicas. (Parsi, 2021)

Apesar da forte base ideológica, a política externa iraniana tem demonstrado elementos de pragmatismo e adaptação ao longo do tempo. Isso se reflete na capacidade do país de ajustar suas estratégias em resposta a mudanças no cenário internacional e regional, mantendo, no entanto, seus princípios fundamentais. Esta flexibilidade estratégica permite ao Irã maximizar sua influência regional e global, mesmo diante de sanções econômicas e isolamento diplomático. (Lindsay, 2021)

Um dos princípios fundamentais da política externa iraniana pós-revolução é o slogan "Nem Oriente nem Ocidente, mas a República Islâmica", introduzido pelo Aiatolá Khomeini, líder da Revolução Islâmica, como parte da nova ideologia do Estado. e atuante até os dias atuais. Este princípio busca estabelecer uma posição independente no cenário internacional, rejeitando tanto a influência soviética quanto a ocidental. Como resultado, o Irã aderiu ao Movimento dos Não-Alinhados em 1979, buscando novos parceiros entre as nações em desenvolvimento que atendessem aos seus objetivos de política externa baseada em princípios islâmicos (Khelghatdoost, 2022).

Durante uma reunião anual com Oficiais da Força Aérea iraniana em 2022, o líder supremo do Irã, Ali Khamenei discursou que a agressão do inimigo representa uma guerra híbrida, incluindo aspectos econômicos, políticos, de segurança, midiáticos e diplomáticos e que a resposta deve ser híbrida também, não devendo permanecer constantemente numa posição defensiva face a guerra híbrida conjunta, tendo o Irã que montar um ataque híbrido em vários campos. (Takeyh, 2009)

Como verificado o emprego de proxies e grupos paramilitares tem sido uma ferramenta útil para a estratégia iraniana. O Hezbollah é um bom exemplo, sendo estabelecido no início dos anos 1980 com o apoio do Corpo de Guardas da Revolução Islâmica, é considerado o mais antigo e bem-sucedido proxy do Irã. O grupo recebe apoio financeiro, treinamento e armamentos do Irã, desempenhando um papel crucial na política libanesa e na resistência contra Israel. O Hezbollah é um dos principais instrumentos do Irã para projetar poder no Levante, com uma capacidade militar que rivaliza com a das Forças Armadas Libanesas (Eisenstadt, 2020).

Além do Hezbollah, o Irã também mantém relações com outros grupos

regionais. O Hamas, um grupo militante sunita, estabeleceu laços com o Irã no início dos anos 1990. O apoio iraniano ao Hamas inclui ajuda financeira, treinamento militar e fornecimento de tecnologia de foguetes, o que tem aumentado significativamente as capacidades operacionais do grupo. Os Houthis, um grupo xiita zaidita no Iêmen, têm recebido apoio crescente do Irã desde que tomaram a capital Sanaa em 2014. Este apoio inclui fornecimento de armas, treinamento e assistência logística (Eisenstadt, 2020).

A guerra de informação e as operações psicológicas configuram outros componentes importantes da estratégia de guerra híbrida do Irã. Estas táticas visam moldar a percepção pública, influenciar o discurso político e minar a confiança nas instituições em países alvo. O Irã tem demonstrado uma sofisticação crescente nesta área, adaptando suas técnicas ao ambiente digital em constante evolução.

O Irã tem investido significativamente em suas capacidades de guerra de informação, reconhecendo o potencial de moldar narrativas e influenciar comportamentos sem recorrer à força militar convencional. (Eisenstadt, 2020, p. 12)

Uma das principais táticas empregadas pelo Irã é a disseminação de desinformação e propaganda através de múltiplos canais. O país tem evoluído suas táticas, passando de operações rudimentares de spam para campanhas mais sofisticadas que exploram divisões sociais e políticas existentes nos países-alvo. As operações psicológicas iranianas visam intimidar e silenciar vozes críticas, além de criar um clima de medo e insegurança.

O Irã também tem explorado habilmente tensões sectárias e étnicas em países vizinhos, como no Iraque e na Síria, como parte de suas operações psicológicas para aumentar sua influência e minar a estabilidade desses países.

A aplicação da estratégia de guerra híbrida pelo Irã em sua política interna é um aspecto fundamental para compreender como o regime mantém seu controle e influência sobre a população. Essa abordagem multifacetada combina elementos convencionais e não convencionais para atingir objetivos políticos e sociais dentro do próprio país.

Um dos principais instrumentos da guerra híbrida interna no Irã é o uso extensivo de propaganda e desinformação. O regime utiliza sua mídia estatal, como a Press TV, para moldar a opinião pública e ganhar apoio para suas políticas internas

(Seib, 2020). Essa estratégia visa criar uma narrativa unificada que reforce a legitimidade do governo e desacredite vozes dissidentes.

A guerra cibernética também desempenha um papel crucial na política interna iraniana. O governo investe significativamente em capacidades cibernéticas não apenas para ataques externos, mas também para monitorar e controlar o fluxo de informações dentro do país.

A Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) é outro elemento-chave na aplicação da guerra híbrida internamente. Além de suas funções militares, a IRGC tem um papel significativo na economia e na política interna do país, utilizando sua influência para manter o controle sobre setores estratégicos e suprimir dissidências internas (Eisenstadt, 2020).

O Irã também emprega táticas de guerra híbrida para explorar e exacerbar divisões sociais e étnicas dentro do país. Isso inclui a manipulação de tensões entre diferentes grupos étnicos e religiosos para manter o controle central e prevenir movimentos de oposição unificados.

As operações psicológicas são outro componente importante da estratégia interna iraniana. Essas operações visam intimidar e silenciar vozes críticas, além de criar um clima de medo e insegurança entre potenciais opositores do regime (Eisenstadt, 2020).

Outro método utilizado pelo Irã são as operações psicológicas. Estas táticas visam intimidar e silenciar vozes críticas, além de criar um clima de medo e insegurança. O Irã também tem explorado habilmente tensões sectárias e étnicas em países vizinhos, como no Iraque e na Síria, como parte de suas operações psicológicas de forma a aumentar sua influência e minar a estabilidade desses países. Além disso, o Irã tem demonstrado uma capacidade crescente de adaptar suas operações psicológicas a diferentes contextos e audiências. Esta adaptabilidade permite ao Irã atingir audiências específicas com mensagens personalizadas, maximizando o impacto de suas operações de influência.

4.4 CONCLUSÕES PARCIAIS.

Ao analisar a doutrina de guerra híbrida do Irã, identifica-se uma estratégia multifacetada e adaptável, que permite ao país projetar poder e influência de maneira assimétrica, contornando suas limitações convencionais e econômicas.

Apesar de sua forte base ideológica, a política externa iraniana demonstra notável capacidade de adaptação às mudanças no cenário internacional e regional. O Irã ajusta suas estratégias mantendo, contudo, seus princípios fundamentais. O apoio a grupos paramilitares e milícias em diferentes países da região tem sido uma marca registrada da estratégia iraniana, permitindo ao país influenciar eventos regionais sem se envolver diretamente em conflitos.

O investimento significativo em guerra cibernética ampliou o alcance das operações iranianas, permitindo ataques a infraestruturas críticas e sistemas de informação adversários com menor risco de retaliação direta. As campanhas de desinformação e propaganda têm se mostrado componentes cruciais da estratégia iraniana, visando moldar a percepção pública e influenciar o discurso político em países-alvo.

Esta abordagem híbrida tem permitido ao Irã exercer influência significativa em conflitos regionais e desafiar adversários mais poderosos de maneira eficaz. No entanto, também suscita desafios complexos para a comunidade internacional em termos de resposta e contenção. A evolução contínua desta doutrina, em resposta às mudanças geopolíticas e avanços tecnológicos, sugere que o Irã continuará a ser um ator relevante e desafiador no cenário internacional.

5 A GUERRA HÍBRIDA NO CONTEXTO BRASILEIRO: VULNERABILIDADES E ESTRATÉGIAS DE DEFESA

A guerra híbrida, conforme visto nos capítulos anteriores, é um método contemporâneo que descreve uma tática de conflito que combina métodos convencionais e não convencionais para alcançar objetivos estratégicos. Ela envolve uma combinação de operações militares, ciberataques, campanhas de desinformação, pressão econômica, entre outras, para desestabilizar e influenciar um adversário sem recorrer a um confronto armado direto.

Hoffman (2007) define a guerra híbrida como a incorporação de uma gama completa de diferentes modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas, incluindo violência indiscriminada e coerção, e desordem criminal. Consoante a este trabalho, as principais características da guerra híbrida incluem a sinergia entre diferentes modos de guerra, assimetria nas capacidades e táticas, ações multimodais (referem-se à utilização simultânea e coordenada de diferentes métodos, táticas e estratégias de guerra) e unidimensionais (ações que visam explorar as vulnerabilidades do Estado-alvo em todos os domínios, conhecidos como Político, Militar, Econômico, Social, Informacional e Infraestrutura) e exploração de vulnerabilidades do adversário e foco,

Neste capítulo são analisadas as implicações da guerra híbrida para o Brasil, destacando suas vulnerabilidades críticas, propondo estratégias para mitigar os riscos associados a esse tipo de conflito e ao final e ao final propor um conceito de guerra híbrida, de acordo com o contexto brasileiro e suas peculiaridades, para aplicação para as forças de segurança.

5.1 VULNERABILIDADES DO BRASIL NO CONTEXTO DA GUERRA HÍBRIDA

Ao se analisar as vulnerabilidades do Brasil no contexto da guerra híbrida, pode-se identificar uma série de pontos críticos que demandam por atenção e estratégias de mitigação. Essas vulnerabilidades abrangem diversos setores e aspectos da infraestrutura nacional, bem como elementos sociais e econômicos que podem ser explorados por atores hostis.

Um dos principais pontos de vulnerabilidade reside na infraestrutura do país. A

dependência brasileira em sistemas digitais de gestão e controle para energia, comunicações, transporte, portos e aeroportos, produção, financeiro, entre outros, tornam essas áreas de atividades vulneráveis à ciberataques e por isso consideradas críticas, podendo desestabilizar a economia e a segurança nacional (Clarke; Knake, 2020).

No setor marítimo, as vulnerabilidades são múltiplas e significativas. O comércio marítimo, vital para a economia brasileira, apresenta-se como um alvo potencial, uma vez que o tráfego marítimo e o fluxo de navios e cargas nos portos são vulneráveis a interrupções que podem afetar profundamente a economia nacional. Os sistemas de navegação, essenciais para a segurança e eficiência do tráfego marítimo, estão igualmente expostos a ataques cibernéticos, que podem resultar em acidentes ou interrupções nas operações marítimas.

Além disso, os sistemas de comunicação marítima representam outro ponto de fragilidade. A interceptação ou manipulação dessas comunicações pode comprometer seriamente a segurança e a eficácia das atividades econômicas no mar.

A infraestrutura portuária, por sua vez, constitui um alvo crítico, pois ataques físicos ou cibernéticos a portos podem causar danos econômicos substanciais e interromper cadeias de suprimentos vitais para o país.

É importante ressaltar que estas vulnerabilidades não se limitam apenas ao setor marítimo, mas se estendem a outros setores críticos da infraestrutura nacional. A interconexão dos sistemas modernos amplifica o potencial de danos causados por ataques híbridos, tornando essencial uma abordagem holística na proteção da infraestrutura crítica nacional (Hoffman, 2007).

A identificação e compreensão dessas vulnerabilidades são cruciais para o desenvolvimento de estratégias eficazes de defesa contra ameaças híbridas. É necessário um esforço coordenado e multissetorial para fortalecer a resiliência da infraestrutura crítica brasileira, envolvendo não apenas as forças de segurança, mas também o setor privado e a comunidade acadêmica.

5.2 DESINFORMAÇÃO E MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÃO

A proliferação de mídias sociais e a alta conectividade digital potencializam a disseminação de desinformação que podem influenciar a opinião pública e

desestabilizar o ambiente político (Seib, 2020). Este fenômeno se manifesta de várias formas, incluindo campanhas de desinformação, polarização social e ataques à credibilidade institucional. Essas formas de manipulação da informação não apenas distorcem a percepção pública, mas também exploram e amplificam divisões sociais existentes, criando instabilidade política e minando a confiança em instituições governamentais e democráticas.

A desinformação é uma ferramenta poderosa na guerra híbrida, pois permite que atores mal-intencionados influenciem a opinião pública e criem caos sem a necessidade de um confronto direto. Segundo Seib (2020), a alta conectividade digital facilita a disseminação rápida e ampla de informações falsas, o que pode ser utilizado para polarizar a sociedade e enfraquecer a coesão social.

Além disso, campanhas de desinformação bem-sucedidas podem minar a confiança nas instituições governamentais, tornando mais difícil para o governo responder eficazmente a crises.

Para mitigar os riscos associados à desinformação, é essencial que o Brasil desenvolva estratégias robustas. Estas estratégias devem incluir a implementação de programas de educação que aumentem a conscientização pública sobre a desinformação e a manipulação de informações. Tais programas podem capacitar os cidadãos a identificar e resistir a campanhas de desinformação, além de promover a verificação de fatos e o uso de fontes confiáveis de informação (Seib, 2020).

Ademais, é crucial que o Brasil invista em tecnologias, desenvolvimento de boas e, principalmente mentalidade focadas em práticas de segurança cibernética para proteger suas infraestruturas críticas de ataques que possam facilitar a disseminação de desinformação. A colaboração com universidades e escolas para integrar temas de segurança cibernética nos currículos também é uma medida importante, pois prepara as futuras gerações para lidar com as ameaças digitais (Clarke e Knake, 2020).

Portanto, a desinformação e a manipulação de informações representam uma ameaça significativa à segurança nacional do Brasil no contexto da guerra híbrida. A adoção de uma abordagem multidimensional que inclua educação pública, investimento em cibersegurança e promoção de fontes confiáveis de informação é fundamental para mitigar esses riscos e fortalecer a resiliência do país contra tais ameaças.

5.3 PRESSÕES ECONÔMICAS

A economia brasileira, embora robusta, pode sofrer sanções econômicas, manipulação de mercados e outras formas de guerra econômica que visam enfraquecer a capacidade do país de sustentar esforços de defesa prolongados (Galeotti, 2016). Essas vulnerabilidades englobam dependência de exportações pois a economia brasileira é sensível a flutuações nos preços de commodities e demanda internacional, dependência tecnológica estrangeira podendo criar vulnerabilidades exploráveis.

5.4 ATORES NÃO ESTATAIS

A presença de grupos do crime organizado e milícias no Brasil representa uma vulnerabilidade significativa no contexto da guerra híbrida. Esses atores não estatais podem ser explorados por entidades externas para criar instabilidade interna e desafiar a autoridade do Estado (Korybko, 2015).

Esta vulnerabilidade se manifesta de algumas formas conforme a seguir:

5.4.1 Crime organizado transnacional

Grupos criminosos podem ser utilizados como proxies por atores estatais hostis, servindo como instrumentos para desestabilizar o país e minar a segurança nacional. Esses grupos têm a capacidade de explorar fronteiras porosas e corromper instituições, criando zonas de instabilidade que podem ser aproveitadas por adversários externos (Galeotti, 2016).

5.4.2 Milícias urbanas

A presença de grupos armados não estatais em áreas urbanas representa uma ameaça à autoridade governamental e pode ser explorada para criar instabilidade social e política. Essas milícias muitas vezes operam em áreas onde a presença do Estado é limitada, criando estruturas de poder paralelas que podem ser manipuladas por atores externos (Clarke; Knake, 2020).

5.4.3 Grupos extremistas

Embora ainda não seja um fenômeno amplamente observado no Brasil, grupos extremistas ideológicos ou religiosos podem ser apoiados ou manipulados por atores externos para desestabilizar o país. Esses grupos podem ser utilizados para amplificar tensões sociais existentes e criar divisões internas (Hoffman, 2007).

5.4.4 Hacktivismo

Grupos de hackers podem ser recrutados ou manipulados para realizar ataques cibernéticos contra infraestruturas críticas no país. Esses ataques podem variar desde a disseminação de desinformação até a interrupção de serviços essenciais, causando danos econômicos e sociais significativos (Clarke; Knake, 2020).

A complexidade dessas ameaças reside na sua natureza híbrida e na dificuldade de atribuir relação direta a atores estatais. Isso cria um ambiente de "zona cinzenta" onde as linhas entre atividades criminosas, insurgência e guerra convencional se tornam cada vez mais borradas (Galeotti, 2016).

Para enfrentar essas vulnerabilidades, é crucial que o Brasil desenvolva uma abordagem multifacetada que combine esforços de inteligência, cooperação internacional e fortalecimento das instituições de segurança pública. Além disso, é necessário tratar as raízes sociais e econômicas que facilitam o surgimento e a proliferação desses grupos não estatais, promovendo desenvolvimento socioeconômico e fortalecendo a presença do Estado em áreas vulneráveis (Seib, 2020).

5.5 ESTRATÉGIAS DE DEFESA CONTRA A GUERRA HÍBRIDA

Para enfrentar as ameaças da guerra híbrida internamente, é necessário adotar uma abordagem multidimensional que inclua medidas preventivas, defensivas e reativas conforme ilustrado a seguir:

5.5.1 Fortalecimento da Cibersegurança

Investir em capacidades de ciberdefesa para proteger infraestruturas críticas e responder a ciberataques é crucial. Isso inclui o estabelecimento de unidades especializadas com pessoal capacitado, a fim de responder rapidamente a incidentes cibernéticos.

Outra ação é a participação em iniciativas internacionais de segurança cibernética para compartilhamento de informações e melhores práticas, adicionado a um investimento em pesquisa e desenvolvimento de soluções de segurança cibernética próprias e a formação contínua de profissionais especializados em segurança cibernética.

5.5.2 Educação e Conscientização

Implementar programas de educação para aumentar a conscientização pública sobre desinformação e manipulação de informações é essencial. Estratégias incluindo programas educacionais para capacitar os cidadãos a identificarem e resistirem a campanhas de desinformação, iniciativas para informar a população sobre ameaças cibernéticas e práticas de segurança online, colaboração com universidades e escolas para integrar temas de segurança cibernética nos currículos e apoio a iniciativas de verificação de fatos e promoção de fontes confiáveis de informação.

5.5.3 Resiliência Econômica

Desenvolver políticas econômicas que aumentem a resiliência a sanções e manipulações de mercado é fundamental. Medidas incluindo redução da dependência de setores específicos ou mercados externos (poucos clientes com grande volume), desenvolvimento de capacidades nacionais em setores estratégicos e manutenção de reservas de recursos críticos para mitigar impactos de crises.

5.5.4 Integração de Forças de Segurança

Melhorar a coordenação das Forças de Segurança é crucial para enfrentar

ameaças híbridas de maneira coesa e inteligente. Estratégias incluindo o estabelecimento de forças-tarefa dedicadas à guerra híbrida, realização de simulações, exercícios e treinamentos envolvendo diferentes agências de segurança, melhoria nos sistemas de compartilhamento de informações entre diferentes órgãos de segurança e participação em exercícios e operações multinacionais focados em ameaças híbridas.

5.6 ANÁLISE COMPARATIVA INTERNACIONAL

Ao se apreciar a experiência internacional pode-se extrair lições valiosas adaptáveis ao contexto brasileiro. O conflito entre Rússia e Ucrânia demonstra a eficácia de táticas híbridas, englobam o uso extensivo de propaganda e desinformação para moldar percepções, ataques às infraestruturas críticas e sistemas de comunicação, emprego de grupos paramilitares e forças irregulares e aplicação de sanções e a manipulação de mercados energéticos.

5.7 DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

O Brasil enfrenta desafios significativos, mas também oportunidades no contexto da guerra híbrida. Os desafios englobam as restrições financeiras para investimentos em defesa e segurança cibernética, a complexidade tecnológica pelo fato que ocorre a necessidade de constante atualização frente a ameaças em rápida evolução e as dificuldades na integração de diferentes órgãos governamentais.

As oportunidades para o Brasil englobam o potencial para inovação e desenvolvimento de indústrias de defesa nacionais, a possibilidade do Brasil de assumir papel de liderança em segurança cibernética na América Latina, as oportunidades para parcerias estratégicas e compartilhamento de conhecimentos e o aprimoramento das instituições democráticas e de segurança nacional.

5.8 DEFINIÇÃO DE GUERRA HÍBRIDA PARA AS FORÇAS ARMADAS

Considerando as características da guerra híbrida empregada por atores como Rússia e Irã, e as vulnerabilidades específicas do Brasil, propusemos a seguinte

definição de Guerra Híbrida a ser empregada de acordo com o contexto brasileiro:

A guerra híbrida no contexto brasileiro refere-se a uma estratégia multidimensional que combina ações convencionais e não convencionais, visando explorar as vulnerabilidades sociais, econômicas, tecnológicas e informacionais do país cujo objetivo é comprometer a estabilidade nacional e a soberania do país sem recorrer a um conflito armado direto.

5.9 CONCLUSÕES PARCIAIS

A guerra híbrida representa um desafio multifacetado e complexo para a segurança nacional do Brasil, exigindo uma abordagem integrada e multidimensional para a defesa do país. A natureza diversificada desse tipo de conflito, que combina elementos convencionais e não convencionais, demanda uma estratégia de defesa igualmente abrangente e adaptável

É imperativo que o Brasil desenvolva capacidades robustas em diversas áreas críticas. A cibersegurança emerge como um pilar fundamental, considerando a crescente dependência de sistemas digitais e a vulnerabilidade das infraestruturas críticas a ataques cibernéticos.

A proteção de setores estratégicos, como o marítimo e portuário, é crucial para manter a integridade econômica e a segurança nacional. A resiliência econômica também se mostra essencial, dada a suscetibilidade do país a pressões econômicas externas e manipulações de mercado.

A educação pública sobre desinformação e manipulação de informações é outro aspecto crítico. É salutar a implementação de programas educacionais que capacitem os cidadãos a identificar e resistir a campanhas de desinformação, fortalecendo assim a resiliência social contra táticas de guerra informacional.

A coordenação aprimorada entre as forças de segurança é fundamental para uma resposta eficaz às ameaças híbridas. Isso inclui a integração de diferentes agências e órgãos de segurança, bem como o desenvolvimento de capacidades específicas para enfrentar ameaças não convencionais.

A capacidade do Brasil de se adaptar e responder eficazmente às ameaças híbridas determinará sua resiliência e segurança no cenário global contemporâneo. É crucial que o país continue a desenvolver e implementar estratégias abrangentes,

considerando as peculiaridades do contexto brasileiro e as lições aprendidas com experiências internacionais.

Por fim, a definição proposta de Guerra Híbrida para o contexto brasileiro reconhece a natureza multidimensional das ameaças enfrentadas pelo país, abrangendo desde ciberataques e campanhas de desinformação até pressões econômicas e exploração de tensões sociais internas. Esta definição serve como base para o desenvolvimento de doutrinas e estratégias de defesa mais eficazes e adaptadas à realidade nacional.

A implementação bem-sucedida dessas estratégias requer um esforço conjunto e contínuo de diversos setores da sociedade, incluindo as forças armadas, agências governamentais, setor privado e academia. Somente através de uma abordagem holística e colaborativa o Brasil poderá enfrentar os desafios da guerra híbrida, garantindo assim sua soberania e estabilidade no longo prazo.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar o conceito de guerra híbrida e suas implicações para a segurança nacional, com foco especial nas estratégias empregadas pela Rússia e pelo Irã.

A pesquisa revelou que a guerra híbrida representa uma evolução significativa nas táticas de conflito contemporâneo, combinando métodos convencionais e não convencionais para alcançar objetivos estratégicos.

A análise das origens históricas e do desenvolvimento da doutrina de guerra híbrida demonstrou que esta abordagem não é inteiramente nova, mas uma adaptação de estratégias anteriores às realidades do século XXI. A guerra híbrida se caracteriza pela integração sinérgica de meios e operações convencionais e não convencionais, incluindo operações militares, cibernéticas, econômicas e informacionais.

O estudo das estratégias russas e iranianas revelou padrões distintos, mas com objetivos similares. A Rússia tem se destacado pelo uso sofisticado de operações de informação e ciberataques, como evidenciado na anexação da Crimeia em 2014.

O Irã, por sua vez, tem se concentrado no uso de proxies e grupos paramilitares para projetar poder além de suas fronteiras, exemplificado pelo seu apoio ao Hezbollah e outros grupos regionais. Ambos os países demonstraram uma notável capacidade de adaptar suas estratégias às mudanças no cenário geopolítico, mantendo, contudo, seus princípios fundamentais. Esta flexibilidade estratégica permite que eles maximizem sua influência regional e global, mesmo diante de sanções econômicas e isolamento diplomático.

As implicações da guerra híbrida para a segurança nacional são profundas e multifacetadas. O Brasil, como outras nações, enfrenta vulnerabilidades significativas, incluindo ameaças à infraestrutura crítica, suscetibilidade a campanhas de desinformação, pressões econômicas entre outras. Para enfrentar esses desafios, é crucial adotar uma abordagem multidimensional que inclua o fortalecimento da cibersegurança, a educação pública sobre desinformação, o desenvolvimento de resiliência econômica e a melhoria da coordenação entre as forças de segurança. A guerra híbrida se caracteriza por sua adaptabilidade, uso de atores estatais e não estatais, e a capacidade de operar em múltiplos domínios simultaneamente, desafiando as distinções tradicionais entre guerra e paz.

A pesquisa destacou a importância de uma compreensão aprofundada da guerra híbrida para o desenvolvimento de estratégias de defesa eficazes. A natureza adaptativa e multifacetada deste tipo de conflito exige respostas igualmente flexíveis e abrangentes. Com base na exposição apresentada, propomos a seguinte definição de guerra híbrida:

A guerra híbrida no contexto brasileiro refere-se a uma estratégia multidimensional que combina ações convencionais e não convencionais, visando explorar as vulnerabilidades sociais, econômicas, tecnológicas e informacionais do país cujo objetivo é comprometer a estabilidade nacional e a soberania do país sem recorrer a um conflito armado direto.

Concluimos que a guerra híbrida continuará a ser um desafio significativo para a segurança nacional e internacional nas próximas décadas. A capacidade de um país de se defender contra tais ameaças dependerá não apenas de sua força militar convencional, mas também de sua resiliência socioeconômica, capacidade cibernética e habilidade em combater a desinformação.

Em suma, a compreensão e a adaptação às realidades da guerra híbrida são essenciais para garantir a segurança nacional em um mundo cada vez mais complexo e interconectado. O sucesso neste novo paradigma de conflito dependerá da capacidade das nações de integrar efetivamente todas as ferramentas à sua disposição, desde as forças armadas convencionais até as mais recentes tecnologias de informação e comunicação.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, S. **Guarda Revolucionária: a força que sustenta e ameaça o regime iraniano**. Folha de S.Paulo, 2014.
- BALTAZAR, A. **A guerra híbrida do século XXI: o exemplo da Rússia na Ucrânia**. *Revista Militar*, n. 2587, p. 35-40, 2017.
- BARBOSA, R. **A guerra híbrida e a atuação do Irã no Oriente Médio**. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, [s.d.].
- BARBOSA, R. **A guerra híbrida e a manipulação da opinião pública**. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 2, n. 1, p. 117-130, 2015.
- BARTLES, C. K. **Getting Gerasimov Right**. *Military Review*, v. 96, n. 1, p. 30-38, 2016.
- BIEZUS, L. G.; COSTA, G. V. M.; TRAUMANN, A. P. **A atuação da Força Quds nas relações entre Irã e Iraque**. Observatório Militar da Praia Vermelha, [s.d.].
- BRASIL DE FATO. **Agentes externos provocaram uma "guerra híbrida" no Brasil, diz escritor**. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/19/agentes-externos-provocaram-uma-guerra-hibrida-no-brasil-diz-escritor>. Acesso em: 6 jul. 2024.
- CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO. **Análise da operacionalidade do conceito de guerra híbrida nos conflitos contemporâneos e seu suposto impacto na segurança nacional no Brasil**. Centro De Estudos Estratégicos do Exército: Análise Estratégica, v. 22, n. 4, p. 35-50, 2022.
- CLARKE, R. A.; KNAKE, R. K. **The Fifth Domain: Defending Our Country, Our Companies, and Ourselves in the Age of Cyber Threats**. New York: Penguin Press, 2020.
- CONNELL, M.; VOGLER, S. **Russia's Approach to Cyber Warfare**. Arlington: CNA Analysis & Solutions, 2017.
- CORDESMAN, A. H. **Iranian Weapons of Mass Destruction: The Birth of a Regional Nuclear Arms Race?** Westport: Praeger, 2016.
- CORDESMAN, A. H. **The Iranian military in the nuclear age**. Westport: Praeger, 2007.
- CORDESMAN, A. H. **The Strategic Threat from Iranian Hybrid Warfare in the Gulf**. Center for Strategic and International Studies, 2019.
- COSTA, R. **Guerra Híbrida na América do Sul: uma definição das ações políticas veladas**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/download/31949/pdf>. Acesso em: 6 jul. 2024.

DIALOGO-AMERICAS.COM. **Irã usa guerra híbrida para expandir sua influência.** [s.d.]. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/iran-uses-hybrid-warfare-to-expand-its-influence/>. Acesso em: 6 jul. 2024.

EHTESHAMI, A.; ZWEIRI, M. **Iran and the Rise of Its Neoconservatives: The Politics of Tehran's Silent Revolution.** London: I.B. Tauris, 2017.

EISENSTADT, M. **Iranian military power: capabilities and intentions.** Washington: Washington Institute for Near East Policy, 2011.

EISENSTADT, M. **Iran's Gray Zone Strategy: Cornerstone of its Asymmetric Way of War.** The Washington Institute for Near East Policy, [s.d.].

EISENSTADT, M. **Iran's Hybrid Warfare Strategy: Implications for the United States.** The Washington Institute for Near East Policy, 2020.

EISENSTADT, M. **Iran's Lengthening Cyber Shadow.** Washington, DC: Washington Institute for Near East Policy, 2020.

EISENSTADT, M. **The Strategic Culture of the Islamic Republic of Iran: Operational and Policy Implications.** Washington, DC: Middle East Studies at Marine Corps University, 2011.

FAHL, A. A. **Guerras híbridas no Brasil: interferência externa indireta nos processos políticos nacionais no século XXI.** 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

FARHI, F. **The politics of the Iranian military.** In: KATZMAN, K. (Ed.). **The Iranian military and the nuclear program.** New York: Routledge, 2017.

FREIXO, M. J. V. **Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas.** 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

FRIDMAN, O. **Russian "Hybrid Warfare": Resurgence and Politicisation.** Oxford: Oxford University Press, 2018.

G1. **Entenda como o Irã se tornou uma potência militar regional e por que isso preocupa o Ocidente.** 15 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/04/15/entenda-como-o-ira-se-tornou-uma-potencia-militar-regional-e-por-que-isso-preocupa-o-ocidente.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2024.

GALEOTTI, M. **"Hybrid War" or "Gibridnaya Voina"? Getting Russia's Non-Linear Military Challenge Right.** Prague: Mayak Intelligence, 2016.

GALEOTTI, M. **Hybrid, ambiguous, and non-linear? How new is Russia's 'new way of war'?** *Small Wars & Insurgencies*, v. 27, n. 2, p. 282-301, 2016.

GALEOTTI, M. **Russian Political War: Moving Beyond the Hybrid.** London: Routledge, 2019.

GARDNER, J. **A guerra híbrida em ambiente marítimo**. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21052/1/ASPOF%20Carolina%20Bento%20Baltazar%20-%20Guerra%20h%C3%ADbrida%20em%20ambiente%20mar%C3%ADtimo.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

GOLDBERG, David. **A Guerra do Vietnã: uma história em imagens**. Contexto, 2008.

HAMMES, T. X. **The Sling and the Stone: On War in the 21st Century**. St. Paul: Zenith Press, 2004.

HOFFMAN, F. G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars**. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007.

HOFFMAN, F. **The Changing Face of War: Into the Fifth Generation**. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/monographs/2007/RAND_MG589.pdf. Acesso em: 6 abr. 2024.

HUNTER, S. **Iran's Foreign Policy in the Post-Soviet Era: Resisting the New International Order**. Santa Barbara: Praeger, 2019.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. **Russia's Military Posture: Ground Forces Order of Battle**. Washington, DC: Institute for the Study of War, 2024. Disponível em: <http://www.understandingwar.org/backgrounders/russias-military-posture-ground-forces-order-battle>. Acesso em: 11 jun. 2024.

KALDOR, M. **New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era**. 3. ed. Stanford: Stanford University Press, 2012.

KATZMAN, K. **Iran's Foreign and Defense Policies**. Washington: Congressional Research Service, 2020.

KATZMAN, K. **The Iranian military and the nuclear program**. New York: Routledge, 2013.

KHELGHATDOOST, M. **Iran's Foreign Policy: Between Ideology and Pragmatism**. Middle East Policy, v. 29, n. 1, p. 102-115, 2022.

KHELGHATDOOST, M. **The Ideological Foundations of Iran's Foreign Policy**. In: KHELGHATDOOST, M. **Iran's Foreign Policy in the South Caucasus**. Cham: Springer, 2022. p. 119-143.

KHOSRAVI, S. **Hybrid Warfare in Iran's Military Doctrine: Strategies and Tactics**. Tehran: Institute for Political and International Studies, 2018.

KOFMAN, M.; ROJANSKY, M. **A Closer Look at Russia's "Hybrid War"**. Kennan Cable, n. 7, 2015.

KOLTUNOV, A. **Hybrid Warfare: A New Form of Conflict**. Military-Industrial Kurier, v. 1, p. 1-10, 2015.

- KOLTUNOV, S. **Russia's Hybrid Warfare Strategy: Theory and Practice**. Journal of Strategic Studies, v. 38, n. 5, p. 649-672, 2015.
- KORYBKO, A. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- KUZNETSOV, A. **Russia's Hybrid War in Ukraine: Lessons Learned**. *European Politics and Society*, v. 18, n. 4, p. 498-515, 2017.
- KUZNETSOV, S. **Information Warfare in the Context of Hybrid Conflicts**. *Military-Industrial Kurier*, v. 2, p. 1-8, 2017.
- LEIRNER, P. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2020.
- LIMA, R. D. **Guerras híbridas: o princípio de Heisenberg no pensamento estratégico de defesa nacional**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21820/1/2018_RafaelDeMoraesLima_tcc.pdf. Acesso em: 3 jul. 2024.
- LIND, W. S. *et al.* **The Changing Face of War: Into the Fourth Generation**. *Marine Corps Gazette*, v. 73, n. 10, p. 22-26, 1989.
- LINDSAY, J. R. **Iranian Cyber Threats: A Framework for Analysis**. *Journal of Strategic Studies*, v. 43, n. 2, p. 231-256, 2020.
- LUPOVICI, A. **The Power of Deterrence: Emotions, Identity, and American and Israeli Wars of Resolve**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- MANSOOR, P. R. **Surge: My Journey with General David Petraeus and the Remaking of the Iraq War**. New Haven: Yale University Press, 2012.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, Valeska. **A Revolução Islâmica no Irã: um estudo sobre a transformação política e social**. Editora Unesp, 2018.
- MILANI, M. M. **Iran's Strategic Thinking: The Evolution of Its Hybrid Warfare Doctrine**. *Middle East Journal*, v. 69, n. 2, p. 191-207, 2015.
- NEMETH, W. J. **Future War and Chechnya: A Case for Hybrid Warfare**. Monterey: Naval Postgraduate School, 2012.
- NYE, J. S. **The Future of Power**. New York: PublicAffairs, 2011.
- PALMER, D. A. R. **Back to the Future? Russia's Hybrid Warfare, Revolutions in Military Affairs, and Cold War Comparisons**. Roma: NATO Defense College, 2015.

PARSI, T. **Losing an Enemy: Obama, Iran, and the Triumph of Diplomacy**. New Haven: Yale University Press, 2021.

PINTO SILVA, Gen Ex. **A Guerra Híbrida no Brasil - Reflexões**. DefesaNet, [s.d.]. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/terrestre/gen-ex-pinto-silva-a-guerra-hibrida-no-brasil-reflexoes/>. Acesso em: 6 jul. 2024.

PRAGANA, V. **A Guerra Híbrida e o Papel da Rússia no Conflito Sírio**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa, v. 2, n. 2, p. 177-197, 2015.

PUTIN, V. **Address to the Federal Assembly of the Russian Federation**. Kremlin.ru, 2013.

PUTIN, V. **Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy**. President of Russia, 2013. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>. Acesso em: 11 jul. 2024.

RÁCZ, A. **Russia's Hybrid War in Ukraine: Breaking the Enemy's Ability to Resist**. Helsinki: Finnish Institute of International Affairs, 2015.

RENZ, B.; SMITH, H. **Russia and Hybrid Warfare: Going Beyond the Label**. Helsinki: Aleksanteri Institute, 2016.

RUSSIAN MINISTRY OF DEFENSE. **National Security Strategy to 2020**. Kremlin.ru, 2015.

SADJADPOUR, K. **Iran's Survival Strategy**. Carnegie Endowment for International Peace, 2018.

SEIB, P. **As novas mídias e a diplomacia pública: A política externa na era da informação**. São Paulo: Unesp, 2020.

SEIB, P. **Broadcasting Change: Arabic Media as a Catalyst for Liberalism**. Lincoln: Potomac Books, 2020.

SEIB, P. **Information at War: Journalism, Disinformation, and Modern Warfare**. Polity, 2020.

SILVA, P. F. **Avaliação das implicações do conceito de guerra híbrida para a segurança nacional**. Centro De Estudos Estratégicos Do Exército: Análise Estratégica, v. 21, n. 3, p. 33-65, jun./ago. 2021.

TAKEYH, R. **Guardians of the revolution: Iran and the world in the age of the ayatollahs**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

TALEB, H. **Proxy Warfare in the Middle East: The Iranian Experience**. *Journal of Defense Studies*, v. 15, n. 1, p. 67-83, 2019.

EUA, Departamento de Defesa. **Guerra Híbrida: uma estratégia não convencional**. 2020. Disponível em: <https://www.defense.gov/Portals/1/Documents/2020/02/20200214-Defense-Hybrid-Warfare-Strategy.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ZANIN, Cristiano; MARTINS, Valeska; VALIM, Rafael. **Lawfare: uma introdução**.
Contracorrente, 2020